

MATERIAIS DE ADORNO VISIGÓTICOS DE PATALOU – NISA

Andreia Arezes*

RESUMO:

Este artigo concerne a um conjunto de objectos metálicos de filiação visigótica recolhidos em Patalou, um sítio localizado no concelho de Nisa, nunca sujeito a qualquer tipo de intervenção arqueológica. As peças em bronze, descobertas à superfície, constam de elementos metálicos de adorno, destinados à aplicação sobre a indumentária, resumindo-se a três fragmentos de placas de cinturão, a um aro de fivela e a um fuzilhão isolado. A análise e a interpretação desenvolvidas ao longo do texto classificam-nos em função dos tipos e morfologias evidenciados, procurando, em paralelo, promover o respectivo enquadramento, a nível artístico, político-religioso e cronológico. Para tal, recorrem ao conhecimento veiculado por investigações recentes e à confrontação com paralelos identificados em sítios visigóticos já estudados, designadamente necrópoles localizadas no território peninsular.

Palavras-chave: Placas de Cinturão; Fivela; Indumentária; Visigodos

ABSTRACT:

This article aims to define the cultural context of a set of Visigothic metallic elements recovered from Patalou. Patalou is a site located in the county of Nisa, but it has not as yet been excavated. The artefacts of adornment, produced in bronze, and used over costume, are: three pieces of belt buckles, a simple buckle and an isolated component of a buckle. The analysis and interpretation developed in this text attempt to sort the artefacts according to a typology, in order to discuss their artistic, political, religious and chronological context. In doing so, I will compare the artefacts to those from well known Visigoth sites, namely burial sites located in the Iberian Peninsula.

Key-words: Belt buckle; Buckle; Costume; Visigoths

1. INTRODUÇÃO

Os materiais sobre os quais nos debruçamos neste breve artigo enformam um conjunto metálico recolhido em Patalou, freguesia do Espírito Santo, pertencente ao concelho de Nisa, mas praticamente na transição para o de Castelo de Vide.

O sítio, localizado na peneplanície alentejana, pautada pela suave ondulação dos relevos e de matriz granítica, encontra-se delimitado, a Oeste e a Sul, por pequenas linhas de água, de fraco caudal. A presença dessas linhas surge, aliás, plenamente articulada com o contexto da

* Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela F.L.U.P. e aluna de Doutoramento na mesma faculdade. Investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto – Campo Arqueológico de Mértola (CEAUCP-CAM), Unidade I&D 281. Bolseira da FCT.

densa rede existente, a maior parte fluindo desde a Serra de S. Mamede e convergindo na Ribeira de Nisa, sustida na Barragem da Póvoa.

O local denota uma utilização do solo predominantemente votada à pastorícia, não sendo perceptíveis, numa primeira observação, traços de uma actividade agrícola reiterada e intensiva. Todavia, e em conformidade com as informações orais que nos foram transmitidas, a recolha das peças em estudo terá ocorrido na sequência das lavradas efectuadas no terreno.

A cobertura vegetal, predominantemente herbácea e arbustiva, apresenta-se pontilhada por algumas árvores, nomeadamente, por sobreiros e duas espécies de folha caduca, o carvalho negral e a azinheira.

O substrato, granítico, emerge pontualmente a nível superficial, expondo contornos ligeiramente arredondados. Aliás, o granito consta da matéria-prima utilizada na composição dos muros divisórios de propriedade em pedra seca, nos quais assoma, por vezes, tégula fragmentada. Registe-se, a propósito, que a telha, a par de alguns líticos parcamente afeiçoados, compõem a mancha de dispersão de materiais actualmente observáveis no terreno.

Não se esgotam, porém, nos elementos mencionados, as recolhas de superfície que ali se foram efectuando ao longo dos anos. Com efeito, encontra-se também referida a ocorrência de cerâmicas de produção mais fina, de pesos de chumbo, de moedas romanas, de fíbulas de cronologia não especificada (Valdez; Pinto; Nisa, 2008: ficha de inventário 100) e dos materiais metálicos visigóticos que motivaram a elaboração do presente artigo, os quais tivemos oportunidade de tratar, numa primeira abordagem, aquando da preparação da Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2010.

2. OS MATERIAIS

O conjunto metálico de Patalou, integrado na colecção particular de João Francisco Lopes, residente em Nisa, abarca materiais de importância desigual, os quais possuem, no entanto, características que os aproximam: o local onde se processou a recolha, o enquadramento no universo de ocupação visigótica e o facto de cada um deles configurar parte de um elemento de vestuário em bronze, fundido em molde.

Começamos por salientar precisamente o facto de as peças em análise se encontrarem relacionadas com a aplicação sobre a indumentária, particularidade que nos leva a tecer algumas considerações. Com efeito, os adornos produzidos em metais não ferrosos e, sobretudo, preciosos, ao serem utilizados sobre o traje militar ou civil, alcançavam um elevado papel simbólico, pelo que, mesmo que escassamente representados, acabavam por se destacar. Não raro, procurava-se compensar a matéria-prima menos nobre em que eram fabricados através da profusão decorativa e do esforço em reproduzir o fulgor e o requinte estético das peças de ourivesaria (Piponnier; Mane, 1995: 36). No entanto, e apesar da apetência e do gosto dos povos “bárbaros” em geral e dos visigodos em particular, pelo luxo e ostentação, traduzido no uso de característicos objectos em metal, se possível precioso, muitas das escavações das necrópoles que albergavam estes grupos na morte, acabam por não revelar grande fausto ou aparato (Morillo Cerdán, 1989: 238).

Outra questão que se levanta, prende-se com a técnica aplicada na produção das peças de Patalou. Ora, sendo evidente que os diferentes períodos ou fases históricas denotam, ao nível das soluções no trabalho do metal, uma inequívoca variabilidade, tal não se aplica ao âmbito das designadas “artes menores”. De facto, é manifesta a constância verificada neste domínio desde a época romana até à emergência dos tempos medievais. Ainda assim, e apesar do persistente recurso às mesmas técnicas artesanais, foram-se introduzindo algumas novidades, sobretudo ao nível do aperfeiçoamento das ligas ou das opções decorativas (Ripoll López, 1986: 55).

Encontra-se, portanto, firmado, que as práticas vigentes nas oficinas tardias e do alvorecer da Cristianização se fundaram em tradições que perduraram desde tempos recuados, tendo permanecido quase que inalteradas durante um extenso período (Dandridge, 2000: 71). Contudo, há que salientar que, muito embora as técnicas romanas compusessem um universo amplo, naturalmente incorporado pelos povos germânicos, não se resumiram à única e exclusiva fonte utilizada. Com efeito, são vários os investigadores, entre os quais se conta de H. Schlunk, que destacam o grau de complexidade da arte no tempo das migrações e na Alta Idade Média, fruto do cruzamento de influências e interpenetrações variadas (Cristóbal Rodríguez, 1981: 428).

É atendendo a este pressuposto que trataremos os adornos metálicos de Patalou. Sujeitos a uma análise macroscópica, que privilegiou as questões tipológicas e, no caso das placas de cinturão, também a dimensão artística e estética, foram utilizados como veículos para a captação de indicações que se espraiam por vários domínios: o político, o social, o religioso e cronológico.

2.1. Placas de cinturão

Começamos por introduzir uma nota acerca da relevância deste tipo de peça em geral e sobre o grupo em que se integram os exemplares em estudo, em particular.

De entre a panóplia de objectos que assumiam uma finalidade prática ou que se afirmavam exclusivamente como elementos de adorno de vestuário, as placas, também designadas de fechos de cinturão, granjeavam um papel privilegiado. Neste sentido, a variabilidade morfológica e a evolução que neles se vai notando, enformam possibilidades de estudo e análise incontornáveis, pelo que deverão ser perspectivados como dos mais interessantes elementos da cultura material da fase de transição que discorre entre o ocaso do Império Romano do Ocidente e a emergência dos tempos medievais.

Com efeito, ainda no quadro do Império, o *cingulum* adquiriu, entre os grupos de germânicos ao seu serviço, papel de relevo, pelo seu carácter de insígnia oficial e por indiciar o estatuto e a posição hierárquica dos indivíduos que o utilizavam. Demonstrativo da importância adquirida por este tipo de objecto é aliás o facto de, mesmo na sequência da diluição da autoridade imperial, formas, técnicas e esquemas decorativos romanos terem persistido, cristalizando na primeira arte autónoma dos povos germânicos. De facto, parte significativa das placas de cinturão altomedievais que se afirmam como produto da manufactura “bárbara”, têm nos broches militares tardo-romanos os seus protótipos mais ou menos evidentes; noutros casos, por seu turno, encontram-se documentadas quase que cópias directas de peças mais antigas (Pérez Rodríguez-Aragón, 1992: 239-240).

Objecto que, à semelhança das fíbulas, seria comum aos enxovais fúnebres dos dois sexos e que, portanto, escapava ao âmbito das peças diferenciadoras de género (Morillo Cerdán, 1989: 244), era usado na indumentária feminina de forma a cingir à cintura uma capa, ou segundo informações mais recentemente difundidas, vestes de tipo *peplos*, por seu turno suspensas dos ombros através dos pares de fíbulas colocadas à altura das clavículas. Trajando deste modo, não só nos seus territórios de origem mas também nos novos espaços de fixação, desde os finais do século V e ao longo do VI, as mulheres godas privilegiavam um tipo de vestuário característico e vulgarizado desde a época romana (Bierbrauer, 1997: 167-169).

De qualquer modo e dado que as placas de cinturão poderiam também ser utilizadas por homens, não podemos avançar mais neste campo, encontrando-se nos vedado o aventar de hipóteses relativas à pertença específica de qualquer uma das três peças analisadas. Ainda assim, é-nos possível destacar outras informações, transmitidas através da observação das características particulares e da morfologia dos objectos em causa.

As placas de cinturão em bronze de Patalou, produzidas através do método de fundição em

molde, correspondem a exemplares da tipologia liriforme. No entanto, e em concordância com os elementos mencionados na descrição associada a cada uma delas, enquadram-se em variantes divergentes, traduzidas quer a nível formal, quer no que concerne aos esquemas decorativos evidenciados.

Ora, as placas liriformes representam um tipo característico do grupo III de Santa-Olalla (1934: 171), também designado como bizantino e balizado entre o início do reinado de Suintila, cerca de 621, e o colapso da monarquia visigótica (Cardozo, 1942: 256; Figueiredo; Paço, 1974: 19). Uma outra proposta, mais recentemente veiculada, aponta a ocorrência de exemplares liriformes na Península já nos finais do século VI e, mais declaradamente, na centúria subsequente (Ripoll López, 1985: 61). A mesma investigadora, em obra posterior, integra as placas de cinturão mencionadas, a par de um conjunto de outros adornos, no nível V, cuja cronologia se estende entre cerca de 600/640 e 710/720 (Ripoll López, 1998: 61). Assume-se, portanto, que a chegada à Península Ibérica dos grupos de norte-africanos que ditam o arranque da ocupação islâmica não determina o afastamento ou abandono imediato da panóplia de objectos que compunham o *corpus* de adereços de vestuário a que recorriam os hispano-visigodos.

Assim, o tipo liriforme terá perseverado ao longo de todo o século VII e primeiras décadas do VIII, convivendo com a ocupação muçulmana. Além do mais, o próprio facto de as peças soltas de alguns destes elementos poderem ser reutilizadas na composição de outros adornos, contribuiu para que o uso de placas liriformes, mesmo que incompletas, se tenha dilatado no tempo (Vallalta Martínez, 1988: 307). Como exemplo da afirmação veiculada, citamos os trabalhos de escavação efectuados no povoado de El Bovalar, em Lérida, os quais permitiram documentar a persistência utilitária dos broches liriformes em pleno reinado de Áquila, compreendido entre 713 e 715 (Ripoll López, 1998: 33).

Ora, estes bronzes, romanos orientais e detentores de marcadas influências mediterrânicas e bizantinas, seriam, segundo Palol Salellas, produzidos através do método de fundição em cera. Uma outra hipótese, transmitida mais recentemente, aponta um procedimento mais simples e menos oneroso: o fabrico em série, mediante a utilização de moldes bivalves com impressão em areia (Vallalta Martínez, 1988: 314, nota 1). Reproduzidos por toreutas visigodos, mas utilizados tanto pela população hispano-romana como germânica, difundiram-se amplamente pelo reino visigótico, ultrapassando os espaços de fixação característicos do século VI. Na base da materialização de tal fenómeno encontra-se a conjugação de circunstâncias de vária ordem.

Em primeiro lugar, assinalamos dois acontecimentos capitais, responsáveis por mudanças profundas na sociedade peninsular. Por um lado, a imposição da unidade demográfica impulsivada por Leovigildo, através da anulação da proibição dos casamentos mistos, disposição legislativa que mantinha apartados, pelo menos oficialmente e até cerca de 589, grupos de origem germânica e hispano-romanos. Por outro, a obrigatoriedade de abjurar do Arianismo, motivada pela conversão de Recaredo ao Catolicismo, acto fundamental no caminho para uma outra unidade, a confessional (Palol Salellas, 1986: 516). Ressalve-se, no entanto, que nenhum dos procedimentos, desencadeados pelos dois monarcas, pai e filho, se encontram limitados à esfera meramente demográfica ou religiosa. Ambos reflectem, aliás, uma inequívoca visão política e um propósito de consolidação e centralização do poder de um reino que se revelava excessivamente fragmentado pelas diferenças sobre as quais se fundara.

De qualquer modo, a “unificação” e fusão populacional promovida acabou por se traduzir na uniformização de alguns costumes e até na forma como hispano-romanos e visigodos se adornavam e compunham a sua indumentária, daí o aproveitamento comum de elementos que deixaram de se assumir como diferenciadores.

No entanto, outras questões se revelam igualmente pertinentes e essenciais à explicação da forte dispersão dos objectos liriformes.

Com efeito, as oficinas autóctones implantadas no território ocupado pelos visigodos ter-se-

-ão dedicado à imitação do referido tipo, para tal beneficiando das redes comerciais tecidas ao longo de todo o Mediterrâneo. Assim se explica a ocorrência de exemplares liriformes na Síria, Egipto, Sicília, Ibiza ou no Norte de África. De facto, a unidade cultural propiciada pelo comércio articulava-se plenamente com a unidade económica tutelada pelo império bizantino, havendo, aliás, que realçar o facto de as relações comerciais vigentes em época paleocristã não terem sido quebradas com a presença visigótica na Península, antes se aprofundando, com a estabilização do reino de Toledo.

Parte substancial dos objectos liriformes conhecidos procede da Bética e, em menor quantidade, da faixa norte da Península e de pontos muito localizados da Meseta. Daí que se suponha que as oficinas se implantariam fundamentalmente nas zonas do litoral, onde terão ocorrido os primeiros contactos com as modas mediterrânicas, ou, em acordo com uma outra hipótese, em Toledo, que, enquanto capital do reino visigótico e local de residência da corte, assumiria o papel de centro de acolhimento de todas as inovações. Registe-se, a propósito, que os artífices itinerantes terão igualmente produzido peças deste tipo, pelo que a eles se terá também ficado a dever a sua disseminação. De qualquer modo, ao realizar imitações dos originais importados, acabou por se promover o desenvolvimento de formas renovadas, onde se cruzavam influências do baixo-império e germânicas, com outras de cariz bizantino e mediterrânico. De notar que, entre os motivos de filiação romana passíveis de ocorrer nestes adornos se incluem os vegetalistas e os animais estilizados (Vallalta Martínez, 1988: 305).

Entre as placas conhecidas em Portugal, são precisamente as liriformes a compor o grupo mais significativo. Mais reduzido é o número de elementos de cinturão rígidos, subdivididos em exemplares de placa simples e em peças vazadas, de tipo *Palazuelos* ou epigráficas. Já para o âmbito dos objectos com decoração *cloisonné*, espécie de mosaico composto de pequenas cavidades metálicas de configuração geométrica, possuímos um único registo confirmado, referente a uma placa recolhida nas escavações de Conimbriga. Sendo certamente anterior a 589 e evidenciando ainda reminiscências orientais e feição nitidamente germânica, apresentava-se, porém, algo desvirtuada, ao nível da matéria-prima utilizada, vidro colorido e não granadas, e da mestria técnica dedicada ao fabrico (Arezes, 2010: 92-97).

Assim sendo, as placas de Patalou integram o grupo quantitativamente mais representativo, nelas se firmando e encontrando representado todo um percurso evolutivo.

2.1.1. Placa 1

A peça que trataremos em primeiro lugar (Fig. 2) é a única que não se apresenta fragmentada, denotando, aliás, um estado de conservação bastante satisfatório. Ainda assim, há que registar que também ela se mostra incompleta, destituída da fivela com a qual se articularia.

Fundida em bronze, evidencia uma definição perfeita das zonas distal, central e proximal. A distal, provida ainda do botão de remate, ostenta uma moldura criada através de sulcos incisos, da qual arrancam alguns triângulos de pequena dimensão e que se subdivide, por seu turno, em dois campos que se assemelham a uma pétala. No interior de cada um deles combinam-se elementos puncionados, semicírculos incisos, a par de motivos excisos, de natureza não especificada.

A parte central, em forma de lira, configuração que confere a designação a este tipo de placa, possui uma dupla moldura nas faixas laterais, sendo, em paralelo, atravessada por um cordão longitudinal, constituído por motivos triangulares excisos, de vértices desencontrados e desenho algo irregular, manifesto também ao nível da desigualdade das dimensões apresentadas.

Já o campo proximal apresenta configuração quase que rectangular, terminando sob a forma de dois sólidos espigões. Relativamente à decoração observável, regista-se certa divergência face aos motivos patentes nos campos distal e central, surgindo aqui restrita a semicírculos incisos e encadeados.

O verso, por seu turno, conserva ainda os cinco apêndices originais, destinados a suportar a passagem dos fios de couro: um surge isolado, em posição distal, sendo que os restantes se encontram colocados de modo sensivelmente paralelo, dois no campo central e dois outros, na zona proximal.

A peça analisada apresenta fortes similitudes com outros objectos inventariados para o território português, caso da placa de S. Caetano (Couto de Ervededo, Chaves), de um exemplar exumado em Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova) e do da Herdade de Fontalva (Barrabacena, Elvas) (Arezes, 2010: 97-98). Cada um deles remete, morfologicamente, para os protótipos sevillanos de tipo **A**, designação que não pressupõe que o conjunto dos elementos aparentados proceda especificamente de oficinas implantadas naquela região, até porque materiais congêneres ocorrem em vários pontos da geografia peninsular, designadamente no noroeste e na zona de Palencia (Castela e Leão). Configurando o grupo quantitativamente mais expressivo da Península e muito embora não se revele possível definir-lhe uma origem espacial específica, é certo que as placas de cinturão recolhidas na área sevillana se pautam por uma qualidade de fabrico elevada, que as distingue e superioriza na comparação com achados efectuados noutros locais (Ripoll López, 1998: 133-134).

2.1.2. Placa 2

À semelhança da primeira peça analisada, este segundo objecto (Fig. 3) refere-se igualmente a um exemplar de tipologia liriforme.

Encontra-se, no entanto, mais truncado e em pior estado de conservação; aliás, do corpo original da peça resta apenas a zona distal, ainda provida do botão de remate e parte da área central, porém interrompida pela fractura.

Na superfície frontal, uma moldura exterior, que se apresenta lisa ou, pontualmente, decorada com ténues incisões transversais, delimita um campo onde os motivos decorativos, círculos, losangos e volutas se combinam, surgindo incisos, excisos ou em relevo.

O verso coloca em evidência três únicos apêndices: um, isolado, colocado na zona distal, próxima da extremidade da peça, sendo que os restantes dois, paralelos entre si, foram dispostos sensivelmente no campo central da placa.

Os paralelos mais próximos para esta segunda placa encontram-se tipificados no grupo **G3** da Colecção Sevillana e, em particular, no nº 67 (Ripoll López, 1998: 133; fig. 16; 147, fig. 22; lâmina XXXVIII). É certo, porém, que o carácter fragmentário da peça não permite comprovar se, na superfície frontal, o campo ornamental se apresentaria dividido em três registos, característica fundamental na definição do conjunto mencionado. Ainda assim, a estrutura da placa e os pequenos botões laterais parecem coadunar-se com os exemplos apresentados como integrantes do grupo.

Já no que se refere à difusão espacial, não só do tipo em causa, mas igualmente do **H**, há que salientar a sua ampla disseminação geográfica. De facto, os achados surgem documentados na *Carthaginensis*, no leste da *Tarraconensis*, no norte da *Lusitania* ou na *Baetica*, havendo que conceder especial destaque aos de *Hispalis*, pela sua expressividade quantitativa. Registe-se, em contrapartida, a escassez numérica de peças que se pautam por uma qualidade de fabrico superior, particularidade que aproxima os elementos dos tipos G e H de outros grupos da Colecção Sevillana (Ripoll López, 1998: 140; 142; 147, fig. 22).

2.1.3. Placa 3

Desta peça (Fig. 4) resta-nos apenas parte da zona proximal.

Na superfície frontal, um sulco inciso define uma moldura exterior, provida de uma sucessão de linhas ornamentais, igualmente incisivas, porém colocadas na oblíqua.

No campo central inscreve-se um elemento decorativo de contorno oblongo, em relevo, no qual avultam duas supostas espirais, a par de três triângulos alinhados.

O verso, de tendência ligeiramente côncava, ostenta dois apêndices colocados em posição paralela entre si, bem conservados, encontrando-se os orifícios destinados à passagem dos fios ainda operacionais.

A observação de múltiplas placas lirriformes recolhidas no espaço peninsular saldou-se na identificação de um paralelo possível para esta terceira placa de Patalou, o objecto nº **113** da Colecção Sevilhana (Ripoll López, 1998: 157; 340-341, lâmina XXXVIII), muito embora se lhe reconheçam alguns pormenores divergentes. De facto, a aproximação entre as duas peças radica unicamente nas características evidenciadas pelo elemento decorativo observável em relevo. No entanto, a placa da Colecção Sevilhana ostenta-o no campo central e não proximal, como a de Patalou.

Já numa outra placa de cinturão, incluída na Colecção Andaluza do Museu Arqueológico Nacional (M.A.N. – Madrid) (Ripoll López, 1998: 163, fig. 30, nº 12), registou-se a presença de decoração em relevo na zona proximal. Todavia, a configuração do ornato e a forma como se articula com o campo em que se inscreve, leva-nos a colocar algumas dúvidas quanto à possibilidade de a considerar como um paralelo efectivo para o elemento de cinturão em análise.

2.2. Fivelas

Antes de mais, comecemos por salientar uma questão pertinente, que se prende com as circunstâncias em que se verifica a ocorrência deste tipo de objecto em contextos de enterramento. De facto, as fivelas surgem normalmente associadas a facas produzidas em ferro ou a botões e apliques, não integrando, no túmulo, os conjuntos onde figuram placas de cinturão e fibulas.

Tal particularidade impõe, necessariamente, uma reflexão. Com efeito, a presença de fivelas poderia traduzir a pertença do indivíduo inumado a um patamar social e económico específico, eventualmente menos favorecido, à semelhança do que sucede com os braceletes, que, em regra, surgem depositados em contextos mais pobres. Uma outra possibilidade é que este tipo de elemento reflecta uma diferenciação de género, pelo que a menor opulência e sobriedade dos enxovais fúnebres onde são detectados remeteria para o universo masculino (Morillo Cerdán, 1989: 242).

Neste sentido e, apesar de persistirem dúvidas relativas à conotação destas peças com um género em particular, as quais se fundam essencialmente no facto de os restos osteológicos das necrópoles visigotas já escavadas se terem deteriorado e destruído ou, simplesmente, na inexistência de estudos debruçados sobre tais vestígios, supõe-se que as fivelas seriam, efectivamente, colocadas junto de indivíduos do sexo masculino.

Registe-se ainda um outro pormenor que se nos afigura relevante e que se prende com o facto de quer as fivelas de contorno rectangular, quer as de forma ovalada, providas de fuzilhão de base escutiforme, poderem não corresponder a parte de placas de cinturão, referindo-se antes a elementos constitutivos de correias de calçado, de armas ou pendentos (Ripoll López, 1986: 58). A confirmar-se tal hipótese, poderíamos então reconhecer no aro de fivela rectangular de Patalou uma vocação similar à enunciada.

No universo das peças metálicas de adorno ou destinadas à aplicação sobre a indumentária inventariadas para o território português, as fivelas encontram-se quantitativamente bem representadas. No entanto e apesar de o conjunto identificado primar pela heterogeneidade, designadamente morfológica, é possível descortinar algumas características que aproximam os objectos que o compõem e que se prendem, a título de exemplo, com a técnica utilizada, a fundição em molde ou com a predilecção pela utilização do bronze como matéria-prima. Em alguns casos, porém, a referida liga era aplicada apenas na produção do aro ou anel, recorrendo-se a outro metal para fabricar o fuzilhão (Arezes, 2010: 105-106).

2.2.1 – Argola de fivela 1

Esta peça (Fig. 5), incompleta, com aro liso, unicamente marcado por leves entalhes em dois dos cantos, encontra-se destituída do fuzilhão com o qual se articularia. Contudo, a ocorrência de uma área muito delimitada, de tendência aplanada, na superfície frontal, leva-nos a supor que aí repousaria a agulha, entretanto desaparecida. Em paralelo e, na parte oposta do aro, em posição aproximadamente simétrica, é perceptível uma zona ferruginosa e degradada, onde se movimentaria o gancho, supostamente produzido em ferro. Neste sentido, e a ter-se revelado a possibilidade de analisar o objecto completo, estaríamos perante um exemplo de uma peça compósita, onde cada uma das partes resultaria da utilização de uma matéria-prima diferente.

Retomando a descrição tipológica da argola de fivela, note-se que apresenta configuração rectangular, não se enquadrando, portanto, no esquema mais comumente observado neste tipo de peça. Com efeito e atendendo às fivelas conhecidas em território português, devemos salientar a prevalência das que denotam contorno oval.

De qualquer modo, convém-nos salientar a existência de um paralelo directo em espaço nacional, radicado numa argola de fivela recolhida em Milreu (Estói, Faro) e conservada no Museu Nacional de Arqueologia, a qual foi já objecto de estudo, conjuntamente com outros materiais procedentes daquela estação, por parte de vários autores (Almeida, 1962: 243; 254; lâmina LXV, fig. 354; Inácio, 2005: 42; 80; 22: anexo I; Sidarus; Teichner, 1997: 184).

Trata-se de um tipo que poderá, segundo Ripoll López, possuir génese romana. Não obstante, tem sido detectado com alguma frequência em necrópoles visigóticas localizadas quer em território espanhol, quer francês. De facto e para o primeiro caso, é possível mencionar ocorrências em Carpio de Tajo (Toledo), Duratón (Segóvia) ou Alcalá de Henares (Madrid). Também em Madrid, a sepultura nº 27 da necrópole de Tinto Juan de la Cruz permitiu a identificação de um aro de fivela integrável neste grupo. Já no espaço francês, Dugny-sur-Mense, Seine-Saint-Denis ou Estagel proporcionaram a recolha de objectos similares (Barroso Cabrera *et al*, 2006: 544, nº 593; 559).

A verificar-se a hipótese veiculada de uma origem romana para as fivelas rectangulares, afigura-se plausível que a sua presença traduza algum tipo de reutilização, responsável pela perduração utilitária ao longo do tempo.

Neste sentido, torna-se complexo aventar um enquadramento cronológico sustentado para o aro de fivela de Patalou, até porque não existem informações consistentes que nos permitam definir o tipo de ocupação que terá vigorado no referido sítio. De qualquer modo, cremos ser relevante apontar as indicações fornecidas para as peças que se assumem como paralelos claros e directos para o elemento em análise.

Portanto e a título de exemplo, registre-se que o aro detectado na necrópole de Tinto Juan de la Cruz é enquadrado nos alvares do século VI, em função da datação genérica avançada para o designado espaço cemiterial (Barroso Cabrera *et al.*, 2006: 562). Já o de Milreu (Estói, Faro), único paralelo reconhecido em território português, inicialmente publicado por D. Fernando de Almeida (1962: 243; 254; lâmina LXV, fig. 354), careceu, numa primeira fase, de uma proposta concreta de cronologia, tendo apenas sido sujeito a sumária descrição, devidamente acompanhada de fotografia. Posteriormente, outros investigadores, ao tratar a necrópole tardia da antiga *villa* romana, optaram por não individualizar a peça em causa, atribuindo antes uma datação de conjunto aos elementos metálicos recolhidos numa área concreta do sítio: aquela que, em clara articulação com a adesão às práticas cristãs, se converteu num cemitério privado, constituído por sepulturas de configuração rectangular e que M. Franco considerou remontarem à época visigótica (Inácio 2005: 17;41-42). É desse espaço que procedem alguns materiais metálicos de adorno, recolhidos por Estácio da Veiga e, em estudo recente, imputados ao intervalo compreendido entre os séculos VI e VII (Sidarus e Teichner, 1997: 184). É precisamente entre eles que se conta o aro de fivela indicado como paralelo directo para a peça de Patalou.

2.3. Fuzilhões

Estes elementos, que podem surgir referidos na bibliografia também sob a designação de agulhas, configuram parte de peças compósitas, em concreto, de fivelas ou placas de cinturão.

Ora, os escassos fuzilhões isolados inventariados para o território português, todos produzidos a partir da mesma matéria-prima, o bronze, e através da mesma técnica, a fundição em molde, denotam uma variabilidade morfológica pouco significativa (Arezes, 2010: 111-112). O grupo quantitativamente preponderante abarca os que se apresentam providos de base escutiforme, fundamentalmente conotados com as fivelas de aro ovalado, as quais possuem paralelos claros em peças merovíngias. Cronologicamente balizadas entre os séculos V e VI, persistiram, nalguns casos, até aos inícios do VII, centúria que firma o seu desaparecimento definitivo (Ripoll López, 1985: 39). De notar, no entanto, que este tipo de fuzilhão de configuração escutiforme é associado também ao corpo das placas de cinturão rígidas, inseridas no nível IV definido por Ripoll López para os adornos pessoais e que se prolonga entre cerca de 560/580 e 600/640 (1998: 57).

Neste tipo de objecto em concreto, a superfície frontal pode ser aproveitada para inscrever decoração. É o que se verifica em duas das peças recolhidas em Conimbriga, dotadas de motivos geométricos incisos, ao que se acrescenta, numa delas, a presença de uma estrela de cinco pontas, também incisa (Alarcão, 1994: 142, nº 16 e 17; Alarcão *et al.*, 1979: 97; 101; planche, XXI, nº 75). Porém, nem sempre a ornamentação é adoptada como acabamento na produção dos fuzilhões. De facto e, sobretudo nos menos elaborados, os elementos decorativos podem encontrar-se completamente ausentes. Assim sucede no caso do fuzilhão de Patalou, que de seguida descrevemos em pormenor.

2.4. Fuzilhão 1

A agulha estudada (Fig. 6) prima pela simplicidade morfológica. Denotando espessura praticamente constante ao longo de toda a extensão longitudinal, destinava-se a encaixar num aro, com o qual se articulava através do gancho, ligeiramente recurvo, patente numa das extremidades da peça. A oposta, por seu turno, revelando secção semicircular, expunha também leve curvatura.

A configuração que o fuzilhão apresenta e a observação preconizada de exemplares recolhidos em vários outros sítios, leva-nos a considerar a hipótese de o elemento em análise proceder de uma fivela de aro aproximadamente oval.

Um dos paralelos que lhe reconhecemos procede da necrópole de El Carpio de Tajo (Toledo), cuja ocupação surge centrada fundamentalmente no século VI (Ripoll López, 1985: 16), indicação que nos parece coadunar-se perfeitamente com a tipologia da agulha em causa. De facto, ao atentarmos nos objectos agrupados nos níveis definidos por Ripoll López, detectamos elementos similares no III, balizado entre cerca de 525 e 560/580, período que, historicamente, surge compreendido entre os derradeiros anos de governo de Leovigildo e a ascensão ao trono de Recaredo, seu filho (1998: 50-51). Enquadra-se, portanto, ainda na fase que precede a abjuração do Arianismo por parte deste monarca, num momento simbólico da entidade que passa então a ser designada de reino “visigodo-católico” (Orlandis, 2006: 132) e no decurso do qual se vão irremediavelmente perdendo os traços mais vincadamente germânicos da cultura material.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise individualizada dos objectos de adornos metálicos de Patalou pretendemos descortinar indícios das ocorrências de vária ordem que os foram moldando e dos influxos que neles se encontram plasmados.

Para concretizar tal propósito e muito embora nos tenhamos debatido com vários problemas e limitações, não só porque carecemos de informação acerca do tipo de ocupação que terá vigorado no sítio de onde procedem os materiais, mas também pela natureza descontextualizada dos mesmos, procurámos tirar partido da sua importância intrínseca, a qual se revelou claramente variável e desigual. Ainda assim e dado o estado pouco desenvolvido em que se encontra a investigação debruçada sobre o período de dominação germânica em Portugal, cremos que se reveste de certa relevância abordar e divulgar tais elementos metálicos.

Ora, na sequência dos dados transmitidos, o que avulta desde logo é o facto de os adereços estudados não integrarem um conjunto uniforme. Separa-os, acima de tudo, a função específica a que originalmente se destinavam e o enquadramento cronológico mais fino em que se inserem.

Com efeito, o intervalo em que surgem balizados apresenta-se genericamente compreendido entre os séculos VI e VII. De qualquer modo e em conformidade com o que tivemos oportunidade de verificar, no caso do aro de fivela, podemos, em última instância, encontrar-nos perante um caso de reutilização tardia de uma peça de origem romana. O fuzilhão, por seu turno, quer através das indicações comportadas na sua morfologia, quer mediante confrontação com um exemplar recolhido na necrópole visigótica de El Carpio de Tajo, insere-se no grupo de objectos atribuíveis ao século VI. Já no que concerne às três placas de cinturão, as mais significativas das peças estudadas, também pela sua valência artística, é a ambiência mediterrânica e bizantina a que prevalece. De facto e apesar de se encontrarem documentados exemplares liriformes já nos finais do século VI, é na centúria seguinte que a sua presença surge completamente firmada, estendendo-se depois para além dos alvares do VIII, sem que a penetração dos grupos de norte africanos em território peninsular anule de imediato a sua utilização.

Os materiais de adorno metálicos ou vocacionados para a aplicação sobre a indumentária, abordados aqui de forma apenas tangencial, configuram portanto uma realidade feita de múltiplas interpenetrações, circunstância a que não é alheio o trânsito que os visigodos experienciaram e todo o conjunto de influências que foram colhendo e adaptando ao longo do percurso, até finalmente se fixarem no espaço peninsular e, progressivamente, caminharem no sentido da centralização do seu poder.

4. BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília (1994), *Museu Monográfico de Conimbriga. Coleções*. Instituto Português dos Museus.
- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; MOUTINHO ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1979), “Trouvailles diverses, conclusions générales”. *Fouilles de Conimbriga*, VII, Paris.
- ALMEIDA, D. Fernando de (1962), “Arte Visigótica em Portugal”. *O Arqueólogo Português*. Nova Série, IV, Lisboa, Museu Etnográfico Português, 5-278.
- AREZES, Andreia C. Magalhães (2010), *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (ed. policopiada). (Entretanto editada: *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*, Noia, Editorial Toxosoutos, 2011).
- BARROSO CABRERA, R.; MORÍN DE PABLOS, J.; PENEDO COBO, E.; OÑATE BAZTAN, P.; SANGUINO VÁSQUEZ, J. (2006), “La necrópolis visigoda de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid)”. *Zona Arqueológica*, nº 8, 2 (Exemplar dedicado a: La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid). Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 537-564.
- BIERBRAUER, Volker (1997), “Les Wisigoths dans le royaume franc”. *Antiquités Nationales*, 29, 167-200.
- BORGER, Hugo; HANSGERD, Hellenkemper (1979), *Tresórs romains – Trésors barbares. Industrie d’art à la fin de l’Antiquité et au début du Moyen Age*. Bruxelas.

- CARDOZO, Mário (1942), “Uma estação visigótica (?) no concelho de Chaves (S. Caetano – Freguesia de Couto de Ervededo)”. *Revista de Guimarães*, 52, 237-256.
- CRISTÓBAL RODRÍGUEZ, Rafael (1981), “Nuevo ajuar funerario de la necrópolis visigoda de Trillo”. *W-al-H*, 425-429.
- DANDRIDGE, Pete (2000), “Idiomatic and Mainstream: The Technical Vocabulary of a Late Roman Crossbow Fibula”. *Metropolitan Museum Journal*, vol. 35, 71-86.
- FIGUEIREDO, Fausto J. A. de; PAÇO, Afonso do (1974), “Placa de Cinturão Visigótica das Grutas de Cascais”. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía e Prehistoria. Homenaje a Júlio Martínez Santa-Olalla*, vol. II, tomo XXII, cuadernos 1-4, Madrid, 14-20.
- INÁCIO, Isabel Maria B. (2005), *A necrópole de Vale de Condes, Alcoutim no contexto da Antiguidade Tardia do Algarve*, Dissertação em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Texto policopiado.
- MORILLO CERDÁN, Angel (1989), “Nueva aproximacion a los ajuares metalicos de la necropolis visigoda de Herrera de Pisuerga (Palencia)”. *I Curso de Cultura Medieval. Actas*, Aguilar de Campoo, 233-251.
- ORLANDIS, José (2006), *Historia del Reino Visigodo Español*. Ediciones Rialp, Madrid
- PALOL SALELLAS (1986), “Las excavaciones del conjunto de ‘El Bovalar’, Seros (Segria, Lerida) y el reino de Akhila”. *Los Visigodos: Historia y Civilizacion. Antigüedad y Cristianismo. Monografias Historicas sobre la Antigüedad Tardia*, III, Universidad de Murcia, 513-526.
- PIPONNIER, Françoise; MANE, Perrine (1995), *Se vêtir au Moyen Âge*. Adam Biro, Paris.
- RIPOLL LÓPEZ, Gisella (1985), “La Necropolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)”. *Excavaciones Arqueológicas en España*, 142, Madrid, Ministerio de Educación y Ciência.
- _____ (1986), “Bronces Romanos, Visigodos y Medievales en el M.A.N.”. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, IV, Madrid, 55-82.
- _____ (1998), *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII D.C.)*. Reial Academia de Bonnes Lletres, Barcelona.
- SIDARUS, A.; TEICHNER, F. (1997), “Termas romanas no Gharb Al-Ândalus. As inscrições árabes de Milreu (Estói)”. *Arqueologia Medieval*, 5, 177-189.
- VALLALTA MARTÍNEZ, Pilar (1988), “Dos objetos de bronce de epoca visigoda en el yacimiento de Begastri (Cehegin, Murcia). Estudio y restauracion”. *Antigüedad y Cristianismo: Monografias Históricas sobre la Antigüedad Tardia*, nº 5, 303-314.
- VALDEZ, Joana; PINTO, Filipa; NISA, João (2008), *Carta Arqueológica do Concelho de Nisa. Fase II. Relatório Final*, 2 vol. Texto policopiado.

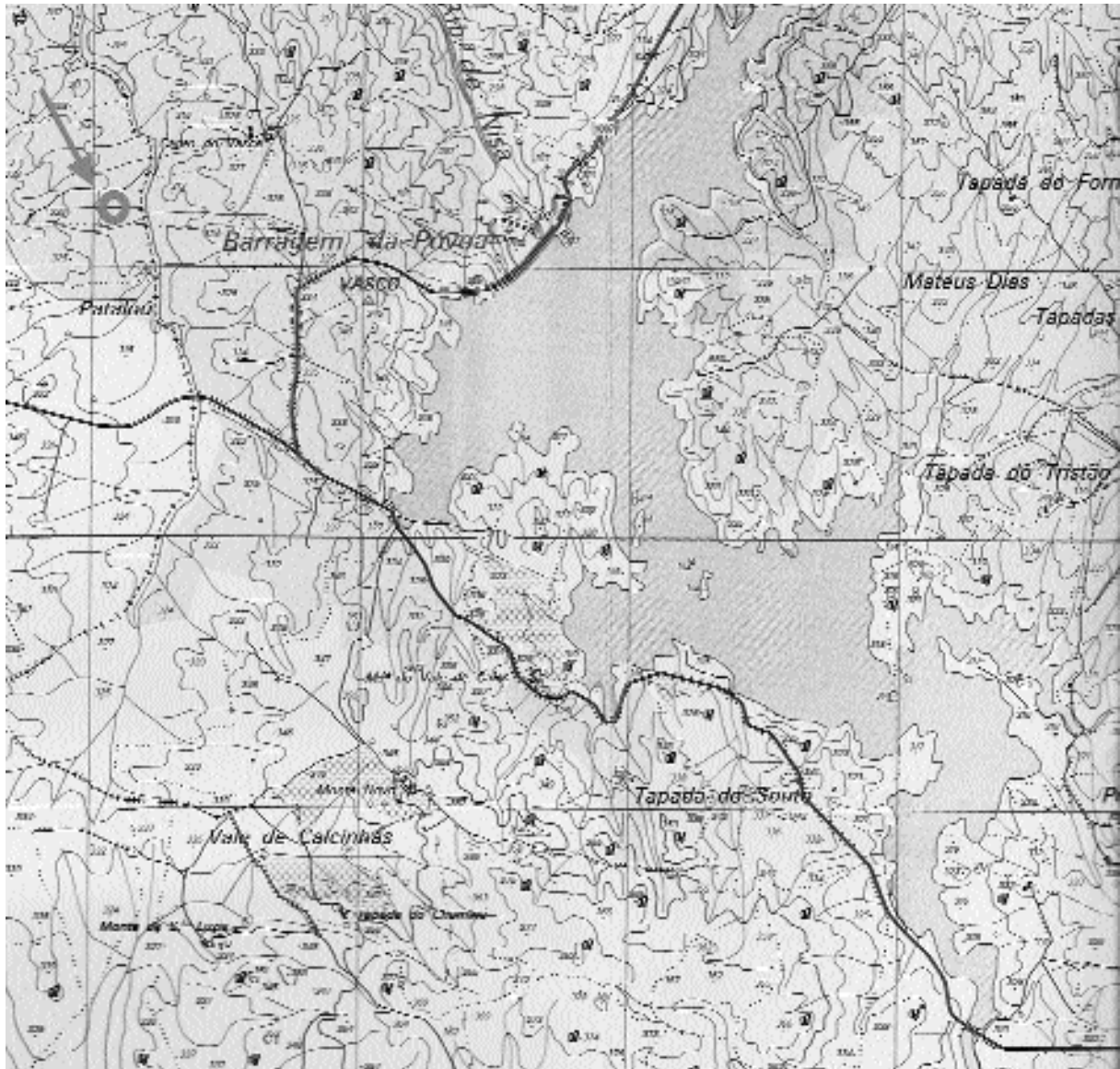
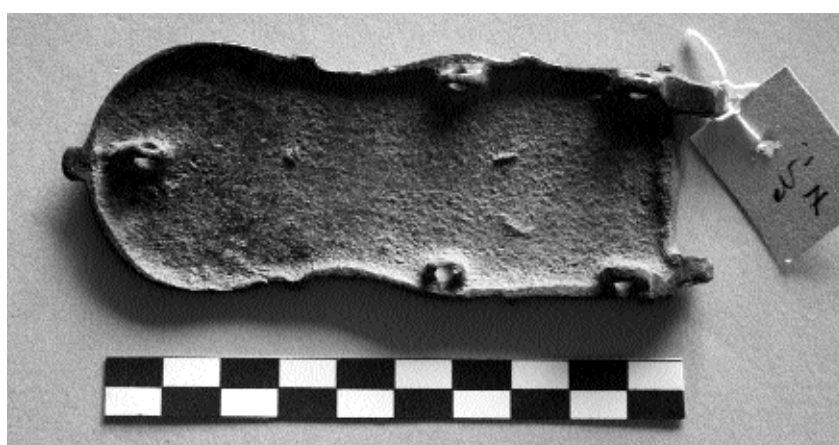


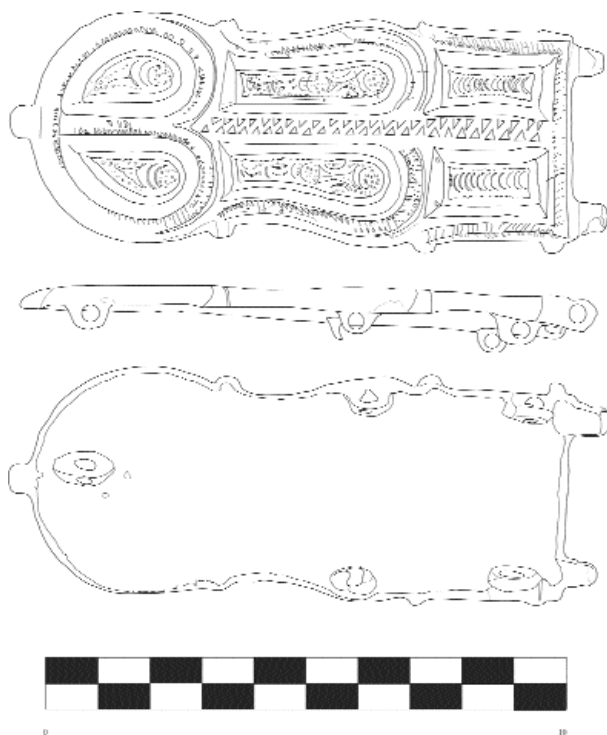
Fig. 1 – Implantação do sítio de Patalou, na Carta Militar dos Serviços Cartográficos do Exército, I.G.E., folha 335 (Castelo de Vide). Escala 1/25 000.



1



2



3

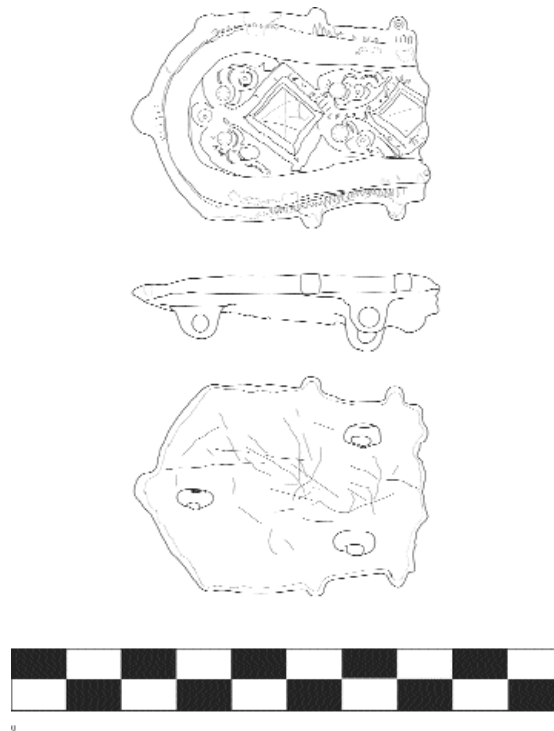
Fig. 2 – Placa 1. 1. Fotografia de frente. **2.** Fotografia do verso. **3.** Desenho interpretativo (frente, perfil e verso).



1



2



3

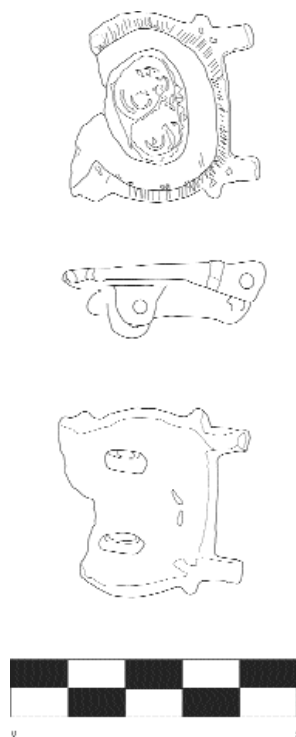
Fig. 3 – Placa 2. **1.** Fotografia de frente. **2.** Fotografia do verso. **3.** Desenho interpretativo (frente, perfil e verso).



1

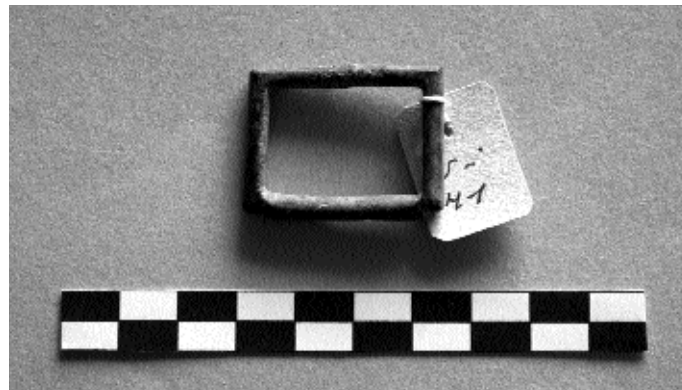


2

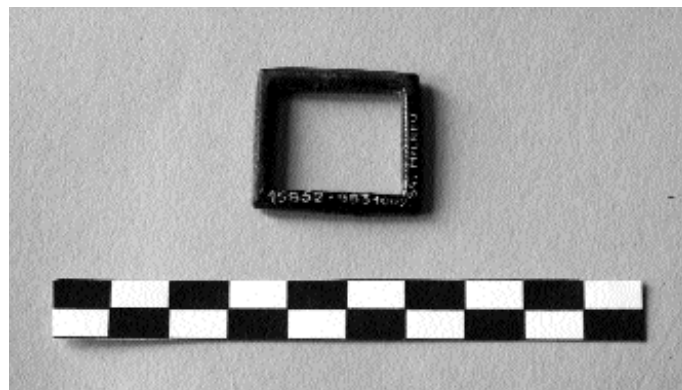
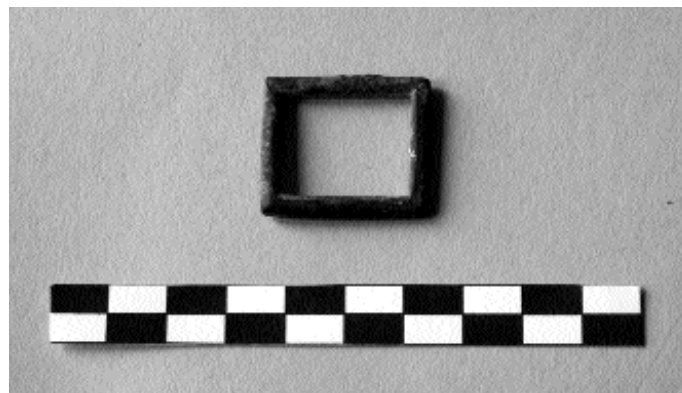


3

Fig. 4 – Placa 3. **1.** Fotografia de frente. **2.** Fotografia do verso. **3.** Desenho interpretativo (frente, perfil e verso).



1 e 2



3 e 4

Fig. 5 – 1 e 2. Fotografia da frente e verso do aro de fivela 1. **3 e 4.** Fotografia da frente e verso do aro de fivela de Milreu (Estói, Faro), depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

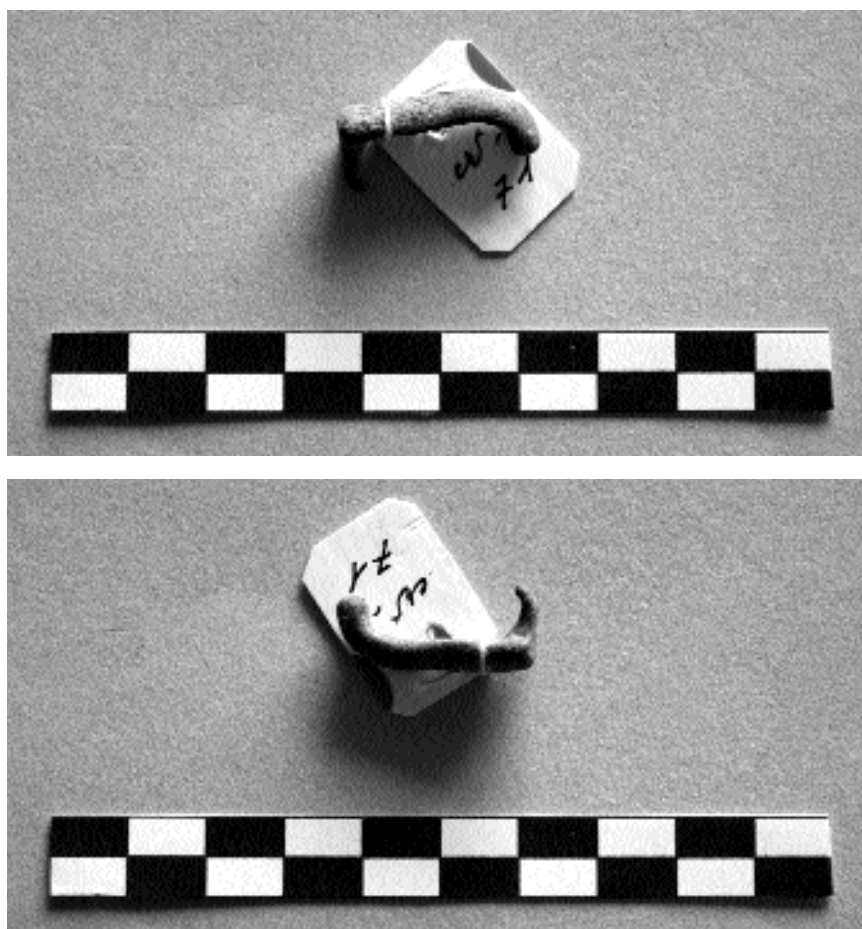


Fig. 6 – Fuzilhão 1. Duas perspectivas do perfil da peça.